

CANDIDO,  
Natalia

# POLÍTICA, GÊNERO E CORPO

Natalia Candido<sup>1</sup>

A arte como artigo de valores estéticos, símbolos e culturais indaga o mundo e seus sistemas, transformando seus questionamentos de suas vivências pessoais em política e produtos culturais, na transformação dos cânones artísticos antigos, criando crônicas de acontecimentos simbólicos que passam pela cultura estabelecida, isto é, propondo a mudança dos discursos. No presente artigo apresentaremos 10 artistas cujo elo primordial de suas narrativas é o gênero que compartilham. São elas: Ghazel, Regina José Galindo, Minerva Cuervas, Nicole Tijoux, Mariana Manhães, Carolina Rutt, Pilas Quinteros, Isa Motta, Toyin Odutola e Maria Nepomuceno. Conterá breves biografias e explicações dos seus trabalhos, bem como links de materiais na internet para pesquisas futuras. Suas produções artísticas, partindo de suas experiências, muitas vezes pessoais, fazem com que o observador não seja passivo diante delas, demarcando e mostrando os reais mecanismos de dominação da sociedade para além das aparências. Suas identidades criam diversas teias de narrativas. Suas singularidades e diferenças serão expostas como forma de não uniformizar as experiências do que é ser mulher e pertencer a este mundo.

A representação feminina nas artes sempre foi carente. Ao longo da história da arte, não era a mulher o grande gênio dotado de saberes e talentos que pudessem ser creditados nos anais dos grandes artistas. Nela, as poucas mulheres que alcançaram algum tipo de notoriedade foram frutos do resgate de pesquisadoras comprometidas em torná-las visíveis, ou seja, de tentativas de redução do estigma e das práticas sociais que se transformam em sistemas de opressão e desvalorização do gênero feminino.

O discurso ao qual estamos submetidos nos convence de que existe um mundo típico feminino e outro masculino, ambos operando de modos diferentes. Na prática, como sujeitos políticos, sabemos que não existem tais restrições, que nos foram impostas antes mesmo de nascermos e vivermos em sociedade. Questionar, subverter e ressaltar faz parte da poética dessas artistas.

A identidade como modo de unificação, como algo único nas relações de poder, determinaria uma segurança em um caminho desejável e único. Porém, a identidade pode ser compreendida na vida social como um espaço em permanente processo de “tornar-se”, construindo-se a partir do que temos em mãos, podendo existir outras variáveis, não em um sentido único. É como se fosse um bolo: vários ingredientes diferentes que, ao se misturarem, o formam como resultado final.

Por conseguinte, o sujeito percebido como ser único seria, na verdade, fragmentação e desmembramento. Sua fundamentação previamente vivida como unificada,

---

<sup>1</sup> Graduada em História da Arte pela UERJ, especialização em Mercado Editorial pela UCAM, fez mestrado em Artes pela UERJ. Atua como Professora de Ensino Fundamental e Médio.

aplicada e estável sofre interferências das identidades às quais todos nós estamos expostos na modernidade. Sendo assim, existe uma falácia da unicidade identitária. Esse sujeito surge como resultado do processo de simbolização pessoal e coletiva, em meio aos agenciamentos que são feitos em suas paisagens sociais e a partir de agora não mais o asseguram, deslocando as experiências vividas na dúvida e incerteza. Quando passa a ser questionada nossa projeção identitária cultural, esta por sua vez se torna provisória, variável e problemática; a transformação acontece quando questionada. Atravessada pelo conflito, produz as mudanças estruturais e institucionais necessárias.

Com o colapso das instituições sociais como o matrimônio, por exemplo, que antes eram os pilares da sociedade, se acirrou o debate sobre as políticas identitárias, que são afirmadas e afirmativas durante a crise das identidades do mundo ocidentalizado. Nos fundamentalismos de várias ordens; o grupo que se auto intitula, evidenciando características humanas superiores e exclui todos os membros que não são pertencentes a este grupo; ou nos acessos estimulados pela cultura de massa, entendemos identidade como uma convenção socialmente necessária, mas nunca uma convenção em consenso coletivo. A identidade traz consigo a liberação, a voz desejosa, internalizada.

Nesses tempos em que a globalização e seus ideais estão em voga, a identidade que temos é compartilhada em grupo, um aspecto que possuímos e que torna-se compartilhado por outros. E a arte lida com tal identidade como conceito a ser transformado em imagem compartilhada, assim como pensamento, protesto e revolta. Todos nós transitamos por uma comunidade de ideais e valores, nossas múltiplas identidades culturais que estão sempre em negociação no local onde vivemos, ligando todos pelo sentimento do coletivo. Com o multiculturalismo, termo que sugere a existência de muitas culturas, isto se dá de modo ainda mais intenso e não menos conflituoso. A construção dá-se através da luta para edificar e reforçar essa identidade, já que essa permanece nessa frágil condição transitória, tomando uma assimilação forçada.

O corpo se impõe como objeto. O poder desse objeto, muitas vezes, é questionado em ações ofensivas que são postas em jogo em performances artísticas, principalmente quando artistas que se identificam com as discussões de gênero atuam em seus atos performáticos. O campo artístico pode ser considerado um campo fálico por excelência. Há teóricos, como Henry Pierre Jeudy, que apresentam uma crítica mordaz às relações sociais, sem qualquer distanciamento entre o público e o artista, não deixando margem para que os espectadores se sintam confortáveis. A ideia de desconstruir os papéis sociais passa pelo desconforto. Quando a mulher passar a ser agente de suas próprias criações, segundo Jeudy, não há mais a busca por um ideal de beleza ou a perfeição, mas ao se impor como criadora artística *“a beleza existe, ela brotará da obscenidade violenta que une sexo e a dor sob o domínio dos tabus... torna-se sujeito ativo capaz de subverter todos os ditames morais que limitam as possibilidades de viver na exaltação de viver [...]”*<sup>2</sup>.

Segundo Michel Maffesoli, *“o corpo individual deve sua existência à realidade do corpo social”*<sup>3</sup>, porque este corpo social que o cria, ou seja, o olhar do outro que

2 JEUDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto de arte. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 117.

3 MAFFESOLI, Michel. A transfiguração do Político: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 178.

cria quem sou. As identidades são construções culturais complexas que unem um grupo específico. Aqui, nosso objeto de estudo será a identidade feminina. A tomada de consciência do papel da mulher na sociedade afeta de modo relevante suas produções para questionar e revelar as identidades e os estereótipos do papel feminino. Compreender a temática que permeia as produções artísticas dessas artistas mulheres nos capacita a investigar as razões que levam muitas delas a expor suas vidas pessoais, com todas as suas questões, em suas criações e identificar quais as relações entre elas. Como as artistas mulheres, hoje, colocam essa questão do sujeito na arte e como essas mulheres imprimem suas vivências pessoais e identidades em seus trabalhos.

Portanto, precisamos buscar uma aliança entre produção artística e a sociedade na qual tais produções estão inseridas. Iremos nos concentrar nos aspectos culturais em que foram produzidas suas obras e faremos um pequeno catálogo com as produções que serão analisadas no decorrer do trabalho. A coleta de dados teóricos será feita através de intelectuais e pensadores contemporâneos e páginas na internet para construir uma ponte para futuras pesquisas teóricas sobre as artistas que serão expostas. Os recursos que devem estar à disposição para a investigação serão bibliográficos, discussões teóricas, páginas pessoais em redes sociais e sites profissionais. Propõe-se discutir os personagens femininos e sua atuação junto ao público.

O material documentado foi fruto do grupo de pesquisa DE/SOBRE/FEITAS POR MULHERES, cujos encontros ocorreram entre os anos de 2017 e 2018. Também foi produzida uma cartilha online para qualquer pesquisa ser feminista. Como estamos considerando a arte quanto valor cultural e sua capacidade de atravessar o tempo, temos como objetivo transformar o olhar e dialogar, evidenciando o impacto social da arte diante dos papéis femininos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIAGA, Juan Vicente. *Orden Fállico: Androcentrismo y violencia de género en las prácticas artísticas Del siglo XX*. Madrid: Akai, 2007.
- ARCHER, Michael. Ideologia, identidade e diferenças, In.: *Arte Contemporânea: Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero; feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CESAR, Marisa Flório. *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem precisa da identidade? In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

RISÉRIO, Antonio. *Mulher, casa e cidade*. São Paulo: Editora 34, 2015.